



**RECIIS**

Revista Eletrônica de Comunicação  
Informação & Inovação em Saúde

[www.reciis.cict.fiocruz.br]

ISSN 1981-6278

*Resenhas*

## **Technofeminism**

*Judy Wajcman*

DOI: 10.3395/reciis.v2i2.225pt

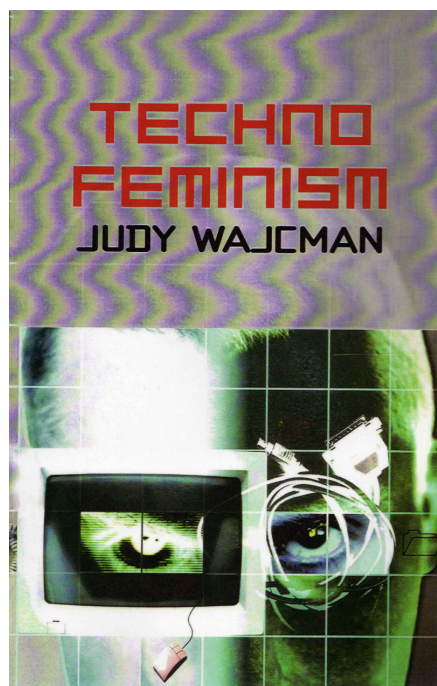
*Maria Conceição da Costa*

Departamento de Política Científica e Tecnológica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil  
dacosta@ige.unicamp.br

Muito se tem escrito a respeito da idéia da tecnologia como libertadora ou constrangedora. Apontamentos utópicos, pós-industriais, otimistas e pessimistas de diferentes matizes enfatizam que a tecnologia nos libertaria das regras do mundo do trabalho, do mundo doméstico ou, ao contrário, a ciência e a tecnologia perpetuariam as relações de gênero.

No campo das análises das relações de gênero, as análises feministas da tecnologia aparecem, ainda, de forma emergente e exploratória, começando a delinear sua abrangência e a consolidar seus referenciais analíticos em grande medida enfatizando os aspectos negativos da tecnológica. Pensar a tecnologia a partir de uma perspectiva de gênero implicaria apontar que os artefactos tecnológicos são desenhados e conformados por relações de gênero, através de seus usos e significados, perpetuando-se as diferenças e as relações de poder.

Em 1986, em uma resenha das obras pioneiras de autoras como Evelyn Fox Keller e Ruth Bleier, para a revista *Signs*, Anne Fausto-Sterling apontava três razões para explicar a defasagem que encontrava entre o conjunto dos *Women's Studies* e as análises feministas das ciências (e da tecnologia). Essas razões continuam atuais e desafiantes para retomar uma reflexão sobre a situação desse campo de estudos. De 1960 até 1986 os *Women's Studies* haviam se diversificado, aprofundado e frutificado de tal maneira que, em alguns campos disciplinares como na História, começavam a surgir sumários retrospectivos e análises do "estado da arte" do campo de pesquisas. Os anos de 1980 marcaram o período em que autoras como Joan Scott sistematizavam suas produções e começariam a ser traduzidas parcialmente no Brasil nos anos de 1990.



*Cambridge, UK; Oxford: Polity  
Press, 2004*

*ISBN: 0-7456-3043-X*

Da mesma maneira, o debate no interior do movimento feminista incentiva Wajcman a fazer uma reflexão sobre o que o movimento pensa a respeito da tecnociência, desde os princípios da era pós-industrial até a atualidade. Sua primeira observação nos indica que o advento e disseminação das tecnologias de base microeletrônica, da internet – o mundo virtual –, a biotecnologia e a biomedicina não necessariamente mudaram as relações de gênero, ou melhor, os artefatos tecnológicos continuam portadores de relações de gênero tanto no desenho quanto em seus usos.

Na primeira parte do livro ‘Male Designs on Technology’, Wajcman debate com a literatura dos híbridos, sobressaindo-se autoras como Donna Haraway e a teoria do cyborg. Para Haraway, as teorias feministas e a construção social das ciências defendem a destruição da idéia de ciência enquanto descobridora de grandes verdades a serem aplicadas, e propõe, em seu lugar, a idéia de ciência como construto social. A sua proposta é a introdução do que ela chama de conhecimentos situados: “objetividade feminista significa simplesmente conhecimentos situados”, em oposição à idéia de conhecimentos universais. Dessa forma, faz sentindo falar em produção do conhecimento a partir das experiências, histórias de vida e *backgrounds* dos cientistas. Somado a isso, a idéia que se persegue é a da construção de uma ciência “livre de gênero”; no entanto, para que isso seja possível é preciso pensar na inclusão da perspectiva feminista à ciência.

Em resposta às afirmações dessa natureza, a autora reconceitua com brilhantismo, no segundo e terceiro capítulos do livro, a relação tecnologia e feminismo. Para tal trabalha com a idéia de tecnofeminismo, revisando a teoria feminista que aponta as mulheres como vítimas da tecnologia. A inclusão da perspectiva feminista não significa afirmar que a objetividade na investigação das ciências deva ser abandonada. Keller e Longino já alertavam para o fato de que “*objetividade científica precisa ser reconcebida como a função de uma estrutura comunal, e nunca como propriedade individual de cientistas*”.

Este conceito enfatiza a idéia da contingência e da heterogeneidade tecnológica, rejeitando, portanto, a neutralidade tecnológica, dado que é socialmente construída, embora aponte a ausência da problemática de gênero da teoria ator-rede. Essa ausência, segundo a autora, representa uma exclusão, pois para entender o processo de construção das redes é imprescindível incluir e mapear todos os membros e as relações, entre elas as relações de gênero presentes na elaboração das redes.

Além disso, revisa a idéia de gênero virtual a partir dos artigos de Plant, expoente do cyberfeminismo e que vê com otimismo o futuro do papel das mulheres a partir

de uma proposta identitária, empoderadora, agenciadora e prazerosa. Segundo Wajcman, existiria uma tensão entre uma visão essencialmente feminina do cyberspaço e uma possível definição como um espaço privilegiado, isto é, a metáfora do cyberfeminismo foi articulada como alternativa à construção de uma identidade feminina. Neste ponto a autora questiona o potencial do conceito para mudar as relações de gênero.

No quarto capítulo, A solução do Cyborg, demonstra uma visão otimista de Wajcman que aponta a teoria do cyborg de Haraway e o cyberfeminismo como um antídoto positivo contra o determinismo negativista de análises feministas, embora a autora tenha reservas com relação ao que ela aponta como limites da teoria do cyborg.

A idéia do cyborg pode, segundo Wajcman causar um retrocesso às teorias feministas tradicionais especialmente ao dualismo, isto é, a euforia derivada dos híbridos e a derrota do essencialismo também pode associar-se a uma elite global, ainda que seja possível a compreensão da ciência como um conjunto de práticas construtivistas.

Ainda que uma parte do livro circunscreva-se ao debate no interior do movimento feminista, é possível ao leitor pouco familiarizado com este debate, apreender aspectos do debate-tecnologia e relações de gênero especialmente das dimensões políticas e sociais. Este aspecto recoloca a questão política e as transformações das relações sociais e a possibilidade de recolocar este debate num novo projeto feminista.

## Fontes de consulta

Bleier R. Science and Gender: a Critique of Biology and its Theories about Women. Oxford: Pergamon; 1984.

Fox-Keller E. Reflections on Gender and Science. New Haven and London: Yale Univ. Press; 1985.

Haraway D. A manifest for cyborgs: science, technology, and socialist feminist in the 1980. In: Kirkup G et al. The gendered cyborg: a reader. New York: The Open University, Routledge; 2000.

Prefácio a Gender and Politics of History. Cadernos Pagu 1994; 3:11-27.

Scott JW. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade 1990; 16(2):jul-dez.

Scott JW. História das Mulheres. In: Burke P. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp; 1992:63-95. 